

## Evocação do Recife

**Manuel Bandeira**

Enviado por:

Publicado em : 18/07/2008 16:30:00

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois

— Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado

e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê

na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras

mexericos namoros risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

nos longos da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...  
Como eram lindos os montes das ruas da minha infância  
Rua do Sol  
(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)  
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...  
...onde se ia fumar escondido  
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...  
...onde se ia pescar escondido  
Capiberibe  
— Capiberibe  
Lá longe o sertãozinho de Caxangá  
Banheiros de palha  
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho  
Fiquei parado o coração batendo  
Ela se riu  
Foi o meu primeiro alumbramento  
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu  
E nos pegões da ponte do trem de ferro  
os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas  
Cavalcadas  
E eu me deitei no colo da menina e ela começou  
a passar a mão nos meus cabelos  
Capiberibe  
— Capiberibe  
Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas  
Com o xale vistoso de pano da Costa  
E o vendedor de roletes de cana  
O de amendoim  
que se chamava midubim e não era torrado era cozido  
Me lembro de todos os pregões:  
Ovos frescos e baratos  
Dez ovos por uma pataca  
Foi há muito tempo...  
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada  
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem  
Terras que não sabia onde ficavam  
Recife...  
Rua da União...  
A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!  
Tudo lá parecia impregnado de eternidade  
Recife...  
Meu avô morto.  
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro  
como a casa de meu avô.

fonte: jornal da poesia

\*\*\*\*\*